



Treinamento de habilidades sociais como combate à homofobia: um relato de experiência

Social skills training to combat homophobia: an experience report

K. O. Sousa*; D. X. França

Universidade Federal de Sergipe/ Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social - Avenida Marechal Rondon, S/n - Jardim Rosa Elze, 49100-000. São Cristóvão, Sergipe, Brasil

*kely.olliveira@hotmail.com

(Recebido em 27 de setembro de 2016; aceito em 24 de janeiro de 2017)

O presente estudo teve como objetivo relatar a experiência de um Programa de Treinamento voltado para a promoção de habilidades sociais utilizadas como estratégia de combate à homofobia. Participaram 22 adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 14 e 17 anos, alunos de uma escola pública do município de Aracaju, Sergipe. O programa foi composto por 10 sessões semanais de 50 minutos e contou com uma abordagem psicoeducativa e cognitivo-comportamental, através de diversas técnicas e atividades voltadas para o universo do adolescente. Os resultados apontaram uma boa aceitabilidade por parte dos adolescentes e maior conhecimento da temática “diversidade sexual”, que antes era desconhecida para o referido público. Sua eficácia foi observada através da mudança verificada nas atitudes e comportamentos dos adolescentes na direção da promoção de habilidades sociais relacionadas à homofobia, já que os jovens se mostraram mais abertos a se relacionarem de forma mais respeitosa com pessoas que fogem à norma da heteronormatividade no seu convívio social.

Palavras-chaves: habilidades sociais; homofobia; adolescência.

This study aimed to report the experience of a Skills Training Program aimed to promote social skills used as anti-homophobia strategy. Participants were 22 adolescents of both sexes, aged 14 to 17 years, students from a public school in Aracaju city, Sergipe. The program consisted of 10 weekly sessions of 50 minutes and included a psychoeducational approach through various techniques and activities for the adolescent universe. The results indicated a good acceptance by the adolescents and a greater knowledge of the theme "sexual diversity", which was previously unknown to the public. Its efficacy was observed through the change observed in the attitudes and behaviors of the adolescents towards the promotion of social skills related to homophobia, since the young people were more open to relate more respectfully with people who deviate from the norm of heteronormativity in their social interaction.

Keywords: social skills; homophobia; adolescence.

1. INTRODUÇÃO

O uso do treinamento de habilidades sociais tem sido bastante explorado no Brasil e no mundo como ferramenta de ensino de habilidades das relações interpessoais e de vida [1, 2, 3, 4, 5, 6, 7]. As habilidades sociais é um conjunto de comportamentos aprendidos ao longo da vida e emitidos diante de situações de relação interpessoal. Habilidades sociais adequadas ou boas levam à satisfação pessoal e interpessoal tanto a curto como em longo prazo [8, 2].

A infância e a adolescência são consideradas etapas da vida cruciais para o aprendizado de habilidades socialmente competentes. Devido a essa peculiaridade, a escola acaba por se caracterizar como ambiente essencial no sentido de proporcionar esse tipo de aprendizado aos seus alunos. Além de espaço de aprendizado, a escola é proporcionadora de saberes, que vão além dos assuntos instituídos nos currículos disciplinares. Nesse sentido, uma das questões frequentes nas discussões da prática escolar tem sido o preconceito em suas diversas formas de manifestação.

Na psicologia social, o preconceito é definido como julgamento prévio de grupos ou indivíduos, que levam a atitudes e comportamentos negativos direcionados a estes. “É uma atitude hostil ou negativa com relação a determinado grupo [9]. Dentre as várias formas de preconceito, a homofobia se caracteriza pelo preconceito contra homossexuais e todos os indivíduos com identidades sexuais ou de gênero que destoam da norma heterossexual [10, 11].

Apesar das várias pesquisas nesses campos de estudo, algumas questões ainda permanecem carentes de exploração. No caso das habilidades sociais, nenhuma pesquisa foi encontrada utilizando esse constructo como forma de enfrentamento ao preconceito. No âmbito da homofobia nas escolas, também foi possível observar uma escassez de estudos que utilizaram intervenções diretamente com os adolescentes, já que a maior parte da produção científica aponta para estudos com pais e professores ou estudos apenas de levantamento de dados.

Diante desse cenário, acredita-se que um estudo que envolva as habilidades sociais como forma de enfrentamento à homofobia, através de uma intervenção direta com adolescentes, pode contribuir como instrumentalização de estratégias para enfrentar o preconceito homofóbico, assim como, oportunizar a modificação de crenças que levam ao comportamento preconceituoso. Dessa forma, tal intervenção poderá contribuir para que os adolescentes se tornem mais competentes socialmente em lidar com pessoas que não se encaixam na regra da heteronormatividade. Além disso, esse estudo pode alcançar uma nova área interventiva das habilidades sociais ainda inexplorada, que poderá contribuir para amenizar as dificuldades das escolas em lidar com questões de orientações sexuais distintas.

O presente estudo teve como objetivo relatar a experiência de um Programa de Treinamento voltado para a promoção de habilidades sociais utilizadas como estratégia de combate à homofobia.

2. METODOLOGIA

O Programa de Treinamento de Habilidades Sociais voltado para questões relacionadas à homofobia foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Jaime Araújo, que conta com turmas de alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental e está localizada na cidade de Aracaju, Sergipe, no bairro Soledade. Tal programa contou com a participação de 22 adolescentes, alunos de uma turma do 8º ano da referida escola, com idades entre 14 e 17 anos. Destes, 13 eram do sexo masculino e 9 do sexo feminino.

Por se tratar de uma intervenção do tipo prevenção universal [12], ou seja, que é dirigida à população em geral, não houve uma seleção dos adolescentes participantes, todos os alunos da classe foram incluídos. No treinamento aqui descrito, a escola indicou uma turma na qual os alunos fossem adolescentes (entre a faixa etária de 12 a 18 anos) e, que tivesse algum horário disponível no seu turno regular de estudo, pois dessa forma, seria mais fácil a adesão dos alunos ao programa. Dessa maneira, após a indicação da turma de alunos, os adolescentes foram informados sobre o objetivo, o cronograma e a estrutura do Programa e então foram convidados a participar do treinamento. Tal convite foi feito de forma a deixar claro o caráter voluntário da participação deles, assim como a possibilidade de deixar o programa a qualquer momento no decorrer do tempo. Além disso, os pais dos jovens assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, através do qual tiveram acesso às informações relativas à intervenção e, dessa forma, puderam autorizar a participação dos mesmos.

O grupo contou com o total de 10 sessões semanais, de 50 minutos cada, entre os meses de setembro e novembro do ano de 2015, no horário das aulas dos alunos. Essa

periodicidade e duração dos encontros foi estabelecida por se assemelhar às estruturas presentes na literatura, em programas de treinamento de habilidades sociais já realizados e com eficácia comprovada empiricamente [13, 14]. Os encontros foram conduzidos e previamente planejados por uma psicóloga, a partir de uma abordagem psicoeducativa [14] e cognitivo-comportamental [15] com técnicas delineadas estrategicamente (Quadro 1).

Cada sessão teve um objetivo e uma técnica própria, de acordo com o objetivo geral da intervenção. Para orientação da facilitadora, foi utilizado um diário de campo onde foram anotados acontecimentos relevantes de cada dia como, por exemplo, o incômodo de algum participante com a temática abordada, as piadas direcionadas aos colegas com comportamentos que não condizem com o socialmente esperado para o seu gênero, o comportamento dos jovens diante das atividades e, até mesmo, dados sobre expressões não verbais em reação às discussões e atividades. Para mais, foram registrados também os *feedbacks* dos adolescentes, dados relativos às suas opiniões sobre o andamento e a dinâmica do grupo, as atividades realizadas, sugestões de temas e, ainda, críticas sobre o programa.

As questões éticas foram respeitadas ao longo da pesquisa, como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos adolescentes e pelos seus pais/responsáveis autorizando o uso dos dados coletados e dando consentimento para a participação do grupo de intervenção e ainda, a manutenção do sigilo das identidades dos jovens participantes. Essa pesquisa com caráter de intervenção foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 49246215.1.0000.5546. A escola envolvida na pesquisa também concedeu sua autorização para a realização do programa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão dos aspectos desse relato de experiência, os resultados e discussão são apresentados conjuntamente. Os procedimentos são relatados detalhadamente no Quadro 01, demonstrando atividades e habilidades trabalhadas.

Quadro 1: Programa de Habilidades Sociais e Combate à Homofobia

Sessão	Atividade	Habilidade Trabalhada
1	Apresentação do programa e discussão dos conceitos de habilidades sociais, identidade de gênero, homossexualidade e transsexualidade	_____
2	Dinâmica sobre violência com homossexuais e colocar-se no lugar do outro	Empatia e estratégia de resolução de problemas
3	Dinâmica para incentivar o elogio, discussão sobre <i>bullying</i> e documentário “Meninas de azul, meninos de rosa”	Civilidade e empatia
4	Avaliação do programa	_____
5	<i>Role Playing</i> e análise funcional da situação	Assertividade, comportamentos alternativos e resiliência
6	Filme “Hoje eu não quero voltar sozinho”	Empatia
7	Filme “Hoje eu não quero voltar sozinho”	Empatia
8	Discussão sobre o filme e jogo do “mito ou verdade? ”	Trabalhar crenças
9	Jogo da História Inacabada	Empatia e solução de conflitos
10	Encerramento	_____

No primeiro encontro com o grupo foi solicitado aos jovens que se apresentassem e dissessem quais eram suas expectativas em relação ao grupo. Também foi realizada uma apresentação minuciosa – mais detalhada do que a realizada no momento do convite - do programa de treinamento de habilidades sociais. Para uma melhor compreensão por parte dos mesmos, foram apresentados e discutidos os conceitos de habilidades sociais, identidade de gênero, homossexualidade e transsexualidade. Durante a discussão dos conceitos foi possível identificar algumas crenças - ideias e percepções de uma pessoa, consideradas por ela absolutas e verdadeiras, relacionadas a estereótipos atribuídos a grupos e indivíduos (atributos e comportamentos) [9] – dos adolescentes como: “*um travesti nunca vai ser meu chefe, nunca vai mandar em mim*” e “*esse negócio de dois homens é esquisito, duas mulheres ainda vai*”. Tais trechos das falas dos jovens foram observados pela psicóloga que conduzia o grupo e anotados no diário de campo como ideias importantes a serem trabalhadas. Ao final, foi proposto que os jovens pesquisassem, ao longo da semana, utilizando a internet, sobre celebridades expostas na mídia que fossem homossexuais ou transexuais. Tais dados serviram de base para a discussão proposta no próximo encontro.

Na segunda sessão, foi solicitado aos jovens que escrevessem sobre algum tipo de violência sofrida – ou vivenciada por alguém próximo – sem se identificarem. Os papéis escritos foram apresentados em um quadro e discutido como eles se sentiam frente as situações. Após essa atividade, e a partir dos dados que os adolescentes apresentaram como resultados da pesquisa solicitada na sessão anterior, foi realizada uma discussão acerca da violência contra homossexuais a partir de notícias veiculadas nas mídias sociais. Para finalizar, foram apresentados os dispositivos institucionais – a exemplo da Delegacia de Vulneráveis, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) – que as pessoas podem procurar em situações de sofrerem algum tipo de violência. Os jovens se mostraram bastante participativos nessa atividade. Foram discutidos casos não somente sobre violência contra homossexuais, mas também sobre a violência contra a mulher, racismo e *bullying*.

Devido à demanda que emergiu na segunda sessão, o tema do terceiro encontro foi justamente o *bullying* na escola. Inicialmente foi realizada uma dinâmica para incentivar o elogio, com o objetivo de treinar a identificação de qualidades no outro. Os jovens davam as mãos à pessoa que estava à sua frente, evitando assim que eles se juntassem àqueles que tivessem mais amizade, e faziam algum elogio ao colega. Após a dinâmica, foi explicado aos participantes o objetivo da atividade e a importância de saber identificar aspectos positivos em outras pessoas. Posteriormente foi realizada uma discussão sobre o *bullying*, o que é, quem são os autores e/ou as vítimas, quais suas consequências e a diferença entre violência e *bullying*. Nesse debate, enquanto os conceitos eram apresentados, os adolescentes relataram diversos exemplos do seu próprio cotidiano, o que proporcionou uma discussão ainda mais interessante, baseada na realidade dos mesmos. Por fim, os jovens assistiram ao documentário “Meninas de azul, meninos de rosa” que trata do *bullying* sofrido por um adolescente homossexual, fazendo assim a relação do tema do encontro com a questão da diversidade sexual. Como atividade proposta foi solicitado aos alunos que observassem mais atentamente, até o próximo encontro, situações de *bullying* parecidas com as relatadas em suas falas ou no vídeo.

Na quarta sessão o objetivo foi avaliar o programa até esse momento. Então, procurou-se identificar se os adolescentes estavam emitindo comportamentos competentes socialmente, ou seja, se eles estavam colocando em prática o aprendizado das habilidades sociais trabalhadas no grupo. Tal avaliação foi realizada através da análise do relato dos comportamentos dos próprios adolescentes diante das situações de *bullying* que os mesmos

observaram na escola. Essa análise comportamental foi realizada pela psicóloga responsável que utilizou como técnica a análise da funcionalidade dos comportamentos relatados. Essa técnica tem como base a identificação dos determinantes do comportamento, assim como suas consequências [15]. Dessa maneira, os adolescentes relataram uma situação em comum, na qual um dos alunos teve um vídeo seu veiculado na internet e que, por isso, estava sofrendo *bullying* não só na escola, mas também em casa. Foi possível identificar uma atitude mais assertiva daquele grupo com relação à situação e, principalmente no sentido de tentar evitar aquele tipo de constrangimento ao colega. Além disso, foi perguntado se os jovens estavam usando o que estavam aprendendo naquele espaço em alguma outra circunstância. Eles afirmaram que sim, principalmente em casa em situações que normalmente eles agiriam com certa violência, na relação com os pais e com os irmãos. Também afirmaram que agora eles defendiam uns aos outros e que tentavam impedir as situações de *bullying*.

Na quinta sessão o objetivo foi trabalhar a assertividade, comportamentos alternativos e reagir com calma em situações que causem frustração, raiva, humilhação. Para tanto foi utilizada a técnica de dramatização de cenas (*role playing*) e a análise funcional daquela situação. Dessa forma, foi analisada a situação tal como ela ocorre na realidade e como poderia ser, caso fossem utilizados comportamentos alternativos mais funcionais, a partir das dramatizações de ambas as alternativas. Após a encenação foi discutido sobre quais contextos esses comportamentos alternativos e mais assertivos podem ser generalizados. Para finalizar esta sessão, foi exibido o vídeo “Agressivo, passivo ou assertivo” do grupo *Science Blogs Brasil*.

A sexta e a sétima sessões foram reservadas para os adolescentes assistirem ao filme “Hoje eu não quero voltar sozinho”. Trata-se de um longa-metragem brasileiro que retrata a descoberta da sexualidade de um adolescente cego. Em meio a esse processo, o jovem percebe, de forma muito natural, sua orientação homossexual. Os adolescentes se mostraram bastante interessados no filme, fato que foi possível constatar através da discussão realizada após a exibição do filme, onde os mesmos fizeram perguntas, elogio e críticas à história, assim como automaticamente fizeram uma relação entre a narrativa do filme e suas vivências. Essa associação foi possível principalmente pelo filme apresentar justamente o universo do jovem, da escola e situações típicas do cotidiano dessa fase da vida.

O oitavo encontro objetivou trabalhar as crenças dos adolescentes. Inicialmente a partir das discussões de situações vistas no filme e também a partir do jogo “mito ou verdade?”. Nessa atividade lúdica foram mostradas algumas frases/imagens sobre homossexualidade, transsexualidade e heterossexualidade, onde os jovens indicavam se achavam que aquilo seria mito ou verdade. Essa atividade rendeu discussões muito importantes sobre crenças como por exemplo “um homossexual pode ser um bom pai?”, onde os adolescentes apresentaram alguma resistência para responder, porém se mostraram mais abertos ao entendimento das situações do que nas primeiras sessões.

Na nona sessão procurou-se trabalhar a empatia e a solução de conflitos. Foi utilizada a técnica da história inacabada que consistia em obter partes de alguma história, nesse caso sobre preconceito contra homossexuais, e contar um final para ela. Nessa atividade a turma foi dividida em três grupos onde cada grupo recebeu uma história diferente e precisou pensar sobre como lidar com aquelas situações para dar um novo final. Os jovens se mostraram bastante participativos e foi possível perceber que eles utilizaram ferramentas que foram ensinadas e treinadas ao longo do programa como a assertividade, a busca por ajuda, a denúncia das situações de violência e a busca por comportamentos alternativos.

A décima e última sessão serviu para realizar o encerramento do programa e receber o *feedback* dos participantes. Foi realizada uma roda de conversa sobre as questões mais

importantes que foram abordadas no grupo e como eles poderiam utilizar essas informações na vida deles. Ao discutir tais questões, foi solicitado que os jovens dessem exemplos de situações reais que eles vivenciaram no decorrer do programa de treinamento. Então, novamente a psicóloga utilizou a técnica na análise funcional do comportamento para verificar se os adolescentes estavam utilizando as habilidades sociais aprendidas no programa. Desse modo foi possível verificar que os mesmos estavam apresentando um comportamento socialmente competente, sendo mais tolerantes com a diversidade de forma geral, mas principalmente com a diversidade sexual. Por fim, foi realizado um lanche de confraternização para o encerramento do programa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência do programa de treinamento de habilidades aqui descrito pode servir como modelo de replicação para outros estudos que abordem o combate à homofobia ou qualquer outro tipo de preconceito e discriminação. Além disso, acredita-se que essa estrutura também possa servir de auxílio para professores e educadores como instrumento que visa à promoção de habilidades sociais e melhoria de relações interpessoais de adolescentes considerando também os aspectos éticos e de respeito ao próximo em situações que se apresentem diferente do que é o mais comum na nossa sociedade, nesse caso, a heterossexualidade.

Os adolescentes tiveram uma boa aceitabilidade do programa, principalmente por aquele ser um espaço onde podiam tratar de assuntos considerados tabus. Entretanto, é recomendável que um programa semelhante seja feito também com os professores, para que esses possam fazer uso contínuo do aprendizado dessa experiência no cotidiano da sala de aula.

Com relação à eficácia do programa, através da análise funcional do comportamento dos adolescentes, das suas opiniões sobre o programa, assim como das críticas, pode-se afirmar que no *feedback* da intervenção os jovens mostraram estar mais apropriados dos assuntos tratados nas sessões, que antes eram desconhecidos, e mais abertos a se relacionarem de forma mais respeitosa com pessoas que fogem à norma da heteronormatividade no seu convívio social. Além disso, foi possível verificar através dos registros do diário de campo sobre as falas de alguns deles, que ao final do programa eles refletiam mais sobre suas atitudes, comportamentos e crenças comparado ao início do treinamento.

5. REFERÊNCIAS

1. Bolsoni-Silva AT, Del Prette ZA, Del Prette G, Montagner AR, Bandeira M, Del Prette A. Habilidades sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos. *In*: Bandeira, M Del Prette, ZAP Del Prette, A. Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006. p. 1-45.
2. Del Prette ZAP, Del Prette A. Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática. Petrópolis: Vozes; 2005.
3. Lopes DC. Recursos multimídia na promoção de habilidades sociais com crianças com dificuldades de aprendizagem [dissertação]. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos, 2009.
4. Minto EC, Pedro CP, Cunha Netto JR, Bugliani MAP, Gorayeb R. Ensino de habilidades de vida na escola: uma experiência com adolescentes. *Psicol em Est.* 2006;11(3):561-568, doi: 10.1590/S1413-73722006000300012

5. Epstein JA, Griffin KW, Botvin GJ. Positive impact of competence skills and psychological wellness in protecting inner-city adolescents from alcohol use. *Prev Sci.* 2002;3(2):95-104, doi: 10.1023/A:1015479216401
6. Gresham FS. Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais. In: Del Prette, ZAP, Del Prette, A. *Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e implicações práticas*. Vozes: Petrópolis; 2009. p. 17-66.
7. World Health Organization. *Life skills education for children and adolescents in schools*. Geneva: Programme on Mental Health World Health Organization; 1997.
8. Michelson L, Sugai D, Wood R, Kazdin A. *Social skills assessment and training with children*. New York: Plenum; 1983.
9. Rogrigues, A, Assmar, EML, Jabonskli, B. *Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1999.
10. Souza EJ. (2015). *Diversidade Sexual e Homofobia na Escola: representações sociais de educadores/as da educação básica [dissertação]*. São Cristóvão (SE): Universidade Federal de Sergipe; 2015.
11. Herek GM. The psychology of sexual prejudice. *Cur Direct of Psychol Scienc.* 2000;9:19-22.
12. Munoz RF, Mrazek PJ, Haggerty RJ. Institute of Medicine report on prevention of mental disorders: summary and commentary. *Amer Psychol.* 1996;51(11):1116-1122.
13. Cacheiro CM, Martins MJD. Promoção de competências sócio-emocionais em crianças do ensino básico. *Revista Galego – Portuguesa de Psicoloxía e Educación.* 2012;20(1):155-169.
14. Murta SG, Ribeiro DC, Rosa IO, Menezes JC.L, Ribeiro RS, Borges OS, et al. Programa de habilidades interpessoais e direitos sexuais e reprodutivos para adolescentes: um relato de experiência. *Psico-USF.* 2012;17(1):21-32, doi: 10.1590/S1413-82712012000100004.
15. Beck JS. *Terapia cognitivo comportamental. Teoria e prática*. Porto Alegre, RS: Artmed; 2014.